

VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO. O TRABALHO NO SÉCULO XXI. MUDANÇAS, IMPACTOS E PERSPECTIVAS.

GT 12- O TRABALHO ARTÍSTICO E TÉCNICO NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

O PAPEL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOS MÚSICOS DA UNICAMP

PATRICIA AMORIM DE PAULA (AUTORA)

FORMADA EM PEDAGOGIA – UNICAMP

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO SÓCIO-CULTURAL (GEPEDISC-UNICAMP)

PROFESSORA TITULAR LILIANA ROLFSEN PETRILLI SEGNINI (ORIENTADORA)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS/ UNICAMP

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO SÓCIO-CULTURAL (GEPEDISC-UNICAMP)

O PAPEL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOS MÚSICOS DA UNICAMP

RESUMO

A análise da relevância das igrejas evangélicas na formação de músicos brasileiros permite maior compreensão da própria sociedade brasileira. No curso de Música da UNICAMP é possível observar participação significativa de estudantes de famílias evangélicas, que em meio às heterogêneas trajetórias de formação informam as condições sociais de profissionalização e trabalho deste campo profissional no Brasil. Esta pesquisa qualitativa foi realizada por meio da contextualização histórica do fenômeno no Brasil (história da música sacra evangélica); de entrevistas semi-estruturadas com um músico representante de cada igreja no grupo pesquisado (Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Presbiteriana, Igreja do Nazareno Central e Igreja Batista); de levantamento quantitativo acerca do universo a ser compreendido; de trabalho de campo junto às igrejas referidas. Esse fenômeno sociológico apresentou múltiplas facetas analisadas por meio dos temas: *formação musical, religião, trabalho e profissão*; também foram consideradas as relações de conflito, interesses e contradições nestes expressos.

O INÍCIO DE UM PERCURSO SOCIAL DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOS MÚSICOS BRASILEIROS

A presente pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida de Abril de 2010 a Outubro de 2011, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e intitulada "*A relevância das igrejas evangélicas na formação de músicos no Brasil: um estudo sobre a Universidade Estadual de Campinas*", foi desenvolvida sob orientação da Professora Titular Liliana Rolfsen Petrilli Segnini. Esta pesquisa teve por objetivo contribuir para a análise da formação no ensino superior de músicos no país. Para tanto, o recorte do objeto privilegiou os músicos do curso de Música na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

No curso de Música da UNICAMP é possível observar participação significativa de estudantes de famílias evangélicas, que em meio às heterogêneas trajetórias de formação (início da formação musical em bandas, em conservatórios, em escolas de música e projetos ligados a Organizações Sociais) informam as condições sociais de profissionalização e trabalho deste campo profissional no Brasil.

A princípio, partindo para um olhar histórico sobre o ensino de música no Brasil, identificamos uma proximidade com a religião, católica romana ou evangélica. Das Casas de be-a-bá Jesuíticas, onde se ensinava a ler, contar e escrever, com recursos didáticos como o canto orfeônico, a música instrumental e o teatro; ao Ratio Studiorum (1599-1759), no qual houve um potencial amadurecimento da ordem jesuítica, que estruturou um método pedagógico altamente centrado e rigoroso para a promoção de seus objetivos. É a partir deste que se estrutura o ensino secundário dirigido aos segmentos da aristocracia agrária, com o ensino das Humanidades (Gramática Latina, Retórica, Filosofia e Teologia).¹

Já nos séculos XVIII-XIX, as reformas pombalinas propiciaram as primeiras formas de organização laica (estatal) do ensino. Neste período também chegaram ao Brasil imigrantes evangélicos que constituíram comunidades, sobretudo, no sul do país. Mas, somente após a vinda da família real ao Brasil é que foram construídas instituições para o ensino de música, como o Imperial Conservatório de Música, no Rio de Janeiro (a mais antiga instituição de ensino musical do Brasil), e que apesar de inovador não se

¹ BITTAR, Marisa; FERREIRA Jr., Amarílio. **Casas de bê-á-bá e evangelização jesuítica no Brasil do século XVI**. Anais da Faculdade de Educação de Uberlândia, 13p.

isenta de princípios religiosos cristãos. O fato é que, desse período, até aproximadamente 1930 - com o advento do canto orfeônico nas escolas públicas sob a responsabilidade de Villa-Lobos -, os músicos estudantes que pretendiam se profissionalizar na área, teriam que dar continuidade aos seus estudos fora do país. Foi o caso de Carlos Gomes, que de início recebeu instrução musical por intermédio do pai, mestre de capela, em uma igreja em Campinas, dando continuidade a sua formação no Rio de Janeiro e, posteriormente, com bolsa concedida pela coroa foi estudar em Milão.²

Entre a segunda metade do século XIX até o século XX, se estabeleciam em âmbito nacional, sobretudo, no sul do país, Igrejas Congregacionais, Presbiterianas, Metodistas, Batistas, entre outros grupos evangélicos. O que leva a crer que a intensa atividade sacro-musical evangélica foi quem produziu a necessária formação de músicos no interior de suas próprias organizações. Mas, a preocupação dessas igrejas não se restringia somente ao ensino musical; uma das condições de estabelecimento das mesmas também repercutia sobre a necessidade de ensino básico, técnico e superior. Elas fundavam instituições de ensino para oferecer tais formações, ou informalmente realizavam tais funções de forma popular com as escolas dominicais.³

Além disso, entre o fim do século XIX e início do século XX, conjuntos vocais e instrumentais formados por evangélicos brasileiros puderam cooperar musicalmente com as mais importantes orquestras seculares nesse período, cito, por exemplo, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra Sinfônica Brasileira e Orquestra Sinfônica de Belo Horizonte. O que permite inferir que havia nessas igrejas uma formação musical relevante, em especial, no que diz respeito a uma música ocidental, com valores próprios. De acordo com Adorno (1986), *Música Séria*. O estudo de Souza (2002) nos permite inferir que até os anos 1970 as produções fonográficas evangélicas disseminavam uma música européia ocidental.

No entanto, o avanço da indústria cultural (Adorno, 1978) atingiu, inclusive, o universo sacro evangélico, o que hoje está amplamente difundido, em especial, entre as igrejas neopentecostais adeptas de uma teologia da prosperidade. Sendo assim, a música evangélica deixa de ser vista, por algumas denominações, como componente religioso

² RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira**: a organização escolar. 16 ed. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 28-61. NOGUEIRA, Lenita Waldige. **Música em Campinas nos últimos anos do Império**. Campinas: Editora da Unicamp, CMU, 2001.

³ BRAGA, H. R. F, 1961.

com função religiosa, e passa a ser entendida como produção, como mercadoria, tal como toda a forma musical presente na sociedade de massas.

Dessa maneira, sobre os pontos levantados, o que puderam dizer os músicos estudantes observados neste processo de pesquisa? Do ponto de vista sociológico, o que as suas experiências de vida nos apresentam?

No intuito de apresentar hipóteses a tais questionamentos, esta pesquisa de dimensão qualitativa foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com um músico representante de cada igreja no grupo pesquisado (Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Presbiteriana, Igreja do Nazareno Central e Igreja Batista) - por serem cinco igrejas, esta foi a melhor forma encontrada para compreender o papel destas instituições na formação dos músicos. Contudo, ela aborda de forma complementar, questões de ordem quantitativa, por meio de levantamento acerca do universo compreendido (estudantes regularmente matriculados no curso de Música da UNICAMP), e possíveis referências ao quadro estatístico nacional (dados do IBGE acerca da religiosidade dos brasileiros). Também foi realizado trabalho de campo junto às igrejas referidas.⁴

Assim, Max Weber, Theodor Adorno e Norbert Elias representaram referências teóricas fundamentais para compreensão do objeto. Outro autor que também contribuiu em termos metodológicos foi Georg Simmel, no momento em que passo a adotar a “lógica da psicologia”, sem, é claro, abandonar a análise histórica e comparativa da religião proposta por Weber, introduzindo somente o ponto de vista subjetivo da pessoa religiosa, e sua maneira de ver o mundo e dele participar.

Dessa forma, apresento como problemática com base nas conclusões obtidas com a pesquisa, o papel expressivo das igrejas evangélicas no que diz respeito às experiências musicais que proporcionam aos seus fiéis, cumprindo sua função no que confere a

⁴ Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados (maior grupo social com renda até 1 salário mínimo). A pesquisa indica também o aumento do total de espíritas, dos que se declararam sem religião, ainda que em ritmo inferior ao da década anterior, e do conjunto pertencente às outras religiosidades. Os dados de cor, sexo, faixa etária e grau de instrução revelam que os católicos romanos e o grupo dos sem religião são os que apresentaram percentagens mais elevadas de pessoas do sexo masculino. Os espíritas apresentaram os mais elevados indicadores de educação e de rendimentos (acima de 5 salários mínimos).
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1

educação informal, no entanto, de potencial socialmente restrito - pois atinge somente os seus congregados - quanto à introdução de jovens no campo profissional da música e formação de pessoas que saibam apreciar música instrumental e vocal. Sendo assim, o que se verificou foi a ausência de instituições públicas, estatais e municipais, capazes de oferecer formação inicial para jovens músicos que almejam o ingresso no ensino superior

FORMAÇÃO MUSICAL, TRABALHO E PROFISSÃO: UMA ANÁLISE COM BASE NAS ENTREVISTAS CONCEDIDAS POR MÚSICOS EVANGÉLICOS

Por meio dos jovens músicos e musicistas entrevistados com influência evangélica, grupo que compõe entorno de 20% dos estudantes regularmente matriculados da UNICAMP, pude analisar o papel de suas respectivas igrejas (aquelas citadas anteriormente) para com sua formação e experiência profissional. As entrevistas citadas revelam a pluralidade de trabalhos musicais desenvolvidos nas respectivas igrejas, sua função, seu público alvo e como integram a comunidade religiosa.

Para a presente exposição, acredito que a discussão acerca da categoria vocação e as múltiplas facetas que esta encerra, apresenta significativa contribuição para os estudos do trabalho artístico na contemporaneidade. Dessa forma, iniciaremos o diálogo a partir da compreensão da relação trabalho artístico e vocação apresentada pelos músicos estudantes com influência evangélica, devidamente articulada com a literatura na área da sociologia do trabalho artístico. Autores como: Pierre-Michel Menger (2005), Pauline Adenot (2010), Norbert Elias (1995), revelam interessantes interpretações para essa discussão.

Menger (2005) assume uma visão marxista acerca do que seria o trabalho artístico, enaltecendo sua forma não alienada na qual o sujeito se expressa em plena liberdade revelando as forças da essência de sua humanidade. Para o autor, ainda, potencialmente, o trabalho artístico pode inspirar a vida coletiva através da crítica ao trabalho assalariado inspirando uma divisão do trabalho mais cooperativa e não vertical. No entanto, tal pensamento faz sentido numa sociedade socialista⁵.

O processo de autonomização da esfera artística marcado pela diferenciação e a individualização, onde os determinantes do valor do criador e da obra de arte –

⁵ MENDER, Pierre-Michel, 2005, p.49-52.

originalidade, inventividade, singularidade – são difíceis de mensurar, produziu na verdade uma fragmentação dessa esfera de trabalhadores nos moldes dos mercados capitalistas. Assim a categoria profissional se modela em meio as desigualdades de emprego e remuneração, redes sociais seletivas de colaboração e competição. O que resulta disso é ainda mais grave: se naturalizam e reafirmam desigualdades de sucesso sob o rótulo de talento⁶.

É possível, então, aproximar a idéia de vocação ao talento definido por Menger (2005), tal como, ao dom, a partir do momento que compreendemos estas noções como artifícios ideológicos do trabalho artístico.

Esses músicos ao significarem o seu trabalho artístico como vocação, na verdade, parecem assumir o discurso de seu convívio social e familiar formulado por sua respectiva igreja evangélica. No entanto, tal idéia de vocação artística como impulso interior que se impõe sobre o indivíduo - reiterada somente por um dos entrevistados -, em certa medida, contém o que Pauline Adenot chama de vocação hoje:

Aquilo que nós nomeamos hoje como ‘vocação’ para qualificar o desejo de nos aperfeiçoarmos nesta ou naquela atividade não remete ao sentido de vocação no sentido artístico ou mesmo no sentido que lhe atribuía Max Weber. Uma das diferenças fundamentais é que a vocação leiga resulta de uma escolha (o que é contraditório, se comparado a sua etimologia), dentro de um painel de possibilidades seja de gostos seja de competências, enquanto que a vocação tradicional teria um impulso interior e é a esta última categoria que pertenceria a vocação artística.⁷

A vocação artística somada ao dom e paixão forma o que Adenot (2010) nomeia metaconceito, um componente essencial das representações sociais dos músicos. De acordo com a autora, trata-se de uma espécie de inconsciente coletivo, como um consenso social acerca da profissão artística. Muitas vezes tal interpretação é assumida pelos próprios músicos até para que os mesmos não percam seu status no mercado de trabalho⁸.

Ainda é possível remeter para essa discussão da vocação artística que, de acordo com Adenot (2010), é uma forma de não mencionar as profissões artísticas e, por conseguinte desprofissionalizar os músicos⁹, a idéia de gênio atribuída a Mozart em inúmeras biografias, algo que Norbert Elias (1995) procura desconstruir em *Mozart*:

⁶ Ibid, p.69-80.

⁷ ADENOT, Pauline, 2010, p.05.

⁸ Ibid, p.09-10.

⁹ Ibid, p.12.

Sociologia de um Gênio, no intuito de recuperar o sentido da trajetória profissional deste exímio musicista.

Elias pretende não separar o artista do homem, a tragédia de Mozart de sua música autoral, a sua busca por amor e afeto no exercício de sua arte. Ao mesmo tempo o autor induz elementos que indicam o intenso trabalho precoce de Mozart, sua autodisciplina adquirida a serviço de seu fazer artístico. Em suma, as palavras de Elias (1995) somente reiteram o sofrimento e prazer, fruto de um trabalho autônomo realizado por um músico profissional em pleno desenvolvimento de sua carreira, algo que se transfere para toda a categoria profissional que aqui se encontra em debate.

Por fim, a categoria vocação encerra múltiplas facetas e é uma tarefa árdua desvendar com primazia cada uma delas, além disso, segundo Adenot (2010), ela abrange realidades diferentes¹⁰. No âmbito da experiência religiosa evangélica apresentada por músicos em formação pudemos perceber como a categoria se configura simultaneamente a idéia de trabalho artístico defendida por eles.

BIBLIOGRAFIA

ADENOT, Pauline. A questão da vocação na representação social dos músicos. Trad. Clotilde Lainscek. In: **Proa – Revista de Antropologia e Arte** [on-line]. Ano 02, vol.01, n.02, nov.2010. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/ResenhasII/rita.html>>. Acesso em: 24 Novembro 2010.

ADORNO, T. W. **Introdução à Sociologia da Música**: doze preleções teóricas. Trad. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **O fetichismo na música e a regressão da audição e idéias para a sociologia da música**. Vol. 48. São Paulo: Abril Cultural, coleção Os Pensadores, 1973.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural – o iluminismo como mistificação de massa. In: Luiz Costa Lima (org.). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música sacra evangélica no Brasil**: contribuição à sua história. Rio de Janeiro: Kosmos Editora, 1961.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: Sociologia de um Gênio. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

¹⁰ Ibid, p. 8.

MENGER, Pierre-Michel. **Retrato do Artista enquanto trabalhador**: metamorfoses do capitalismo. Trad. Vera Borges, Danielle Place e Isabel Gomes. Lisboa: Roma Editora, 2005.

WEBER, M. **Sociologia das Religiões e Consideração Intermediária**. Trad. Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.